

Parte II - A direção da cura nas estruturas e nos quadros clínicos

Neurose obsessiva: algumas especificidades

Liz Nunes Ramos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RAMOS, LN. Neurose obsessiva: algumas especificidades. In: BACKES, C., org. *A clínica psicanalítica na contemporaneidade* [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, pp. 69-78. ISBN 978-85-386-0387-0. Available from: doi: [10.7476/9788538603870](https://doi.org/10.7476/9788538603870). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/ckhgz/epub/costa-9788538603870.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Neurose obsessiva: algumas especificidades

O título acima, se já não for demasiado obsessivo esclarecer, pretende nos situar numa posição que permita abordar este tema de forma parcial. Tanto por se tratar da neurose obsessiva, quanto por se tratar de uma aula, incluída no programa de um curso de extensão desenvolvido numa universidade, corremos o risco de sermos abatidos pelo ideal de elaborar algo que identificasse, sem dúvidas, o que é uma neurose obsessiva, ou pior, o que é um neurótico obsessivo e como curá-lo. Se na transmissão isso já seria problemático, na prática clínica isso impediria o tratamento, porque o projeto obsessivo frente ao qual é preciso definir a direção do tratamento é justamente o de constituir uma totalidade com o Outro que fundou o sujeito no discurso, baseado na pretensão de tudo saber, anulando a inscrição dos significantes que possam introduzir alguma incerteza, à princípio, quanto às origens e, sobretudo, os que definem a posição do sujeito quanto à castração orientando-o na sexualidade. Tentemos, portanto, recortar o que nos parece ser o mais difícil de abordar no quadro e de ultrapassar na transferência. Já que não temos as boas respostas, talvez a fala (em aula) e a escrita posterior do texto nos permitam formular algumas perguntas para prosseguir na busca de saídas para os impasses que a clínica coloca.

Os sintomas obsessivos, em alguma medida, nós os conhecemos. Estamos falando de alguém que sempre sacrifica seu desejo pelo suposto bem (ou bem-estar) dos outros, que o “administra” através da racionalidade preterindo o que lhe é singular, que tem

alma de servidor, que se impõe o dever de ser o mais moral e melhor em tudo que faz e se culpa por toda falha na execução dos inúmeros projetos de perfeição que funda a cada momento, ou que supõe lhe serem impostos por esta figura poderosa que o domina. Quanto mais esses sujeitos se submetem aos imperativos de realização, tanto mais se vêem parasitados por contradições, expressas quase sempre por pensamentos opostos ao que deveriam ou quereriam realizar, mais se entregam ao fazer, a atos, realizações, por vezes grandiosos, mas que se desenvolvem numa seqüência na qual é praticamente impossível identificar os intervalos próprios à temporalidade inconsciente, à qual todo sujeito está submetido. É como se o inconsciente e a realidade se encontrassem em plena continuidade. Nenhum intervalo entre o fantasma e seu desdobramento em atos, nada que demarque uma origem de tais atos e um término; ao contrário, observa-se mais uma suspensão. Percebemos que tais realizações, o afã de produção, sempre escondem sua doença e dissimulam a falha que há na tentativa de assegurar o domínio de si mesmo pela evitação do que poderia se interpor no conjunto de certezas que constrói. Sabemos dos rituais, das dúvidas, da fala repetitiva ou do mutismo, das ordens e da submissão e, também, de um exercício sexual propenso a celebrar a grandeza do Outro ou reparar suas faltas.

Em geral, incomodamo-nos com esses sintomas mais do que os próprios neuróticos. Por que o incômodo? Talvez porque frente a eles não saibamos mais qual nosso lugar. E isso já nos remete às condições de estrutura. Todos podemos, em alguma medida, portar traços obsessivos, mas é a defesa contra a castração que indica ao psicanalista quando se trata de uma patologia. Como opera a defesa contra a castração e o desejo? Eis a questão que nos intriga e se encontra presente na organização da transferência, quando o neurótico chega à análise. Então, se queremos saber da estrutura, tentemos ver como se demarca sua relação ao Outro. O que a clínica nos mostra como específico da defesa obsessiva?

Quanto ao Outro

Uma das diferenças em relação à histeria é que a neurose obsessiva não é uma modalidade de se dirigir ao Outro. Charles Melman (2004) nos lembra que o obsessivo é cinza, anônimo, não demonstra nenhuma singularidade. Ele se esconde e, por isso, a tentativa de aproximação do outro a sua condição de sujeito, o apelo ao que poderia fazer laço, ou mesmo o interesse de estudá-lo ou tratá-lo surgem como violência, uma penetração indevida no que ele constitui como uma forma redonda e plena. É como se ele se protegesse contra a ruptura de seu laço exclusivo e pleno com o Outro e das dúvidas quanto ao que sustenta seu desejo.

O que funda a possibilidade de laço com o semelhante é o confronto com a falta primeira, instituída já na relação com o Outro, nas operações primárias de acesso à linguagem, quando o pequeno ser, ainda não um sujeito de desejo, depara-se com a impossibilidade de encontrar uma única resposta sobre o que o Outro quer. Aí há um confronto com um vazio, uma pura ausência que não pode ser inteiramente recoberta pela palavra, tampouco por qualquer objeto. Sempre é possível saber o que ele demanda, nomear o objeto de sua demanda, mas todo “projeto de sujeito” terá de se haver com a impossibilidade, fundadora do sujeito do inconsciente, de não saber o que sustenta o desejo do Outro, de não poder nomeá-lo inteiramente, não haver objeto que responda a essa questão.

Neste sentido, é preciso que os termos que articulam a demanda relativa a um certo objeto, num momento seguinte, possam passar à função significante, implicando que as satisfações não serão jamais senão simbólicas. É nisso que a problemática obsessiva encontra seu impasse e deixa em suspenso uma dificuldade na relação com o Outro. A criança que se tornará obsessiva se recusa a abandonar esse objeto da demanda. Não se deslocar dessa posição de apego já indica como, nas operações mais primárias de constituição da castração, o pequeno pode se apegar a uma posição que forclui o sujeito, impede seu acesso ao simbólico e o situa no Real. É o que vem para ser apurado e transposto na análise.

Lacan (1999) traz uma observação relativa a crianças pequenas, cujos pais dizem que elas têm idéias fixas. Há certas crianças que pe-

dem uma caixinha e seus pais consideram essa exigência intolerável, porque conseguem discernir aí, a partir de sua própria posição e pelo modo como a criança pede a caixinha, que essa demanda não é igual às outras, ela apresenta um caráter de condição absoluta. Isso é próprio do desejo, sua característica incondicional, mas não é tomado assim. No confronto com o intolerável da demanda de um objeto, que tenta recobrir uma falta intolerável, parece não ser possível que algo da incompletude se transmita e seja alçado a via significante. Na estrutura algo desse enlace fica pendente, demarca-se um ponto em que essa função significante não parece se diferenciar suficientemente da articulação da demanda. A posição do Outro fica reduzida à daquele que aí significa o desejo (e a falta de objeto) como intoleráveis, seja uma caixinha ou o apego às fezes, preservando um objeto não passível de ser abandonado, que não passa à condição significante. Isso instala o impasse do desejo obsessivo. Ele se encontra nessa encruzilhada, em que o desejo se funda a partir da perda significada na relação ao Outro, mas a sua formulação, o acesso a ele, implica o apagamento do Outro que autorizaria tal desejo, o que instala uma contradição entre o sujeito e seu desejo.

Por isso, quanto mais algo desempenha o papel de objeto de desejo, mais o sujeito tomado nesta trama ver-se-á no impedimento de se aproximar, seu desejo se amortece, chegando não só à impossibilidade de reconhecê-lo no que diz, mas de formular qualquer conexão significante que possa denunciá-lo, uma vez que o fazê-lo implica o apagamento do Outro como referente. A tensão libidinal só é recuperada no voto de morte do Outro, ocasião em que supostamente poderia tornar a desejar. Porém, se o Outro está morto, não há desejo.

O problema, então, está em encontrar um certo ponto de estabilidade para sustentar seu desejo, sem se diluir, quer pela destruição das referências que advém desse lugar apagado, quer por aquela que a posse do objeto produz. Como se sustentar frente à evanescência do desejo e frente ao que o significante aí não inscreveu?

Lacan (1999, p. 419) aponta que o “Outro como lugar da fala, como aquele a quem se dirige a demanda, passa a ser também o lugar onde deve ser descoberto o desejo, onde deve ser descoberta a sua formulação possível”. Parece ser aí que o obsessivo encontra, nos seus momentos constitutivos, um embaraço – que não deixa de retor-

nar na transferência, em suas repetições: em primeiro lugar, porque o Outro será sempre demandante, situando o sujeito na tentativa de resposta à injunção; em segundo lugar, porque esse Outro é possuído por um desejo, fundamental, estranho ao sujeito, o que vem resultar nas dificuldades de formulação do desejo.

A histeria “resolve” esse impasse quanto à sustentação do desejo mantendo-o insatisfeito, o obsessivo entregando-se à dependência, à submissão ao que o Outro lhe indica. Ele está sempre pedindo sua permissão, o que implica uma tentativa de restaurar sua totalidade, colocando-se na mais extrema dependência. De qualquer forma, a criança preservada de toda falta pela oblatividade do Outro, pela recusa dos que suportam essa função a deixá-la se deparar com o nada que pode constituí-la, vivenciando inclusive sua insuficiência e prematuridade, estará jogando entre a psicose e a obsessão. Esse é um delicado ponto de aproximação entre a neurose obsessiva e a psicose.

Mas a neurose obsessiva não é uma psicose e, de alguma forma, o sujeito vai um pouco além, embora guarde alguma aproximação com ela. A aproximação está neste ponto no qual há um “deficit” na inscrição de significantes, ou na sustentação dessas inscrições.

Em alguns textos Freud já indicou algumas observações que servem para situar as especificidades estruturais da neurose obsessiva e referi-la em relação a algumas fronteiras.

Quanto à defesa

Destacarei o texto “Inibição, sintoma e angústia” (Freud, 1976), no qual o autor especificou que a defesa, nesse quadro, era algo diferente da que operava na histeria, pois não se restringia ao recalque de representações. Não seria tanto o recalque o fundamental, mas haveria um segundo momento, secundário ao recalque, que interviria, anulando e isolando do conjunto as representações não admitidas, mediante o uso de mecanismos lógicos, racionais.

Em relação à histeria – na qual prevalece o recalque, produzindo sintomas no seu retorno –, portanto, ele demarcou essa diferença em que as representações de uma experiência, fantasia, etc., deixam de operar psiquicamente por efeito de seu apagamento. Ele não chega a dizer que não há recalçamento; parece haver, por isso a situa

entre as neuroses, mas não o refere como a operação defensiva fundamental. Isso abre uma via de indagações interessantes para a clínica, pois a operação analítica talvez tenha de ocorrer num duplo viés: não tratará prevalentemente de refazer as cadeias significantes relativas ao recalçado, mas como o fracasso do recalque acabou engendrando a necessidade de apelo a essas outras modalidades de defesa, que Freud diz serem auxiliares e substitutivas, teremos de considerar que, ao anular, apagar as inscrições significantes, não restam elementos que possam retornar do inconsciente. Após o fracasso do recalque e da anulação de inscrições, o que resta é o vazio de representações quanto a estes momentos psíquicos apagados. O material que poderia ser alvo de trabalho, no sentido de refazer significações, inexistiu, tornou-se não acontecido. Por isso, há que produzir significantes, recortá-los na transferência, que possam inscrever o que ficou como vácuo, como não acontecido.

Essa é uma particularidade estrutural importante e determina uma forma particular de emergência disso que foi anulado retroativamente e se tornou não acontecido, como diz Freud. Alguns autores especificam que na neurose obsessiva há retorno, mas não do recalçado, do inconsciente: o não simbolizado retornaria do Real.

É a partir da máxima lacaniana quanto à ausência de relação sexual, e utilizando-se dos pressupostos religiosos, que se amparam no amor, que Melman (2004) introduz a idéia da forclusão da castração, já mencionada por Lacan, como alvo específico da anulação na neurose obsessiva e sua conseqüência, de que o excluído da simbolização retorna no Real, vindo fazer erupção no obsessivo sob forma de comandos.

Vejamos como ele a formula: seguindo a tradição fundada por Freud de pensar a neurose obsessiva através da religião, ele faz notar que, nos judeus, o amor por Deus não é uma dimensão essencial; o essencial é respeitar a lei, é o temor. Já na tradição que é a nossa e nos absorve, vivemos na certeza de que por seu amor, ao qual somos convocados, Deus nunca nos abandonará. O que nos é demandado não é que o temamos, mas que o amemos, que sejamos um pouco homens-máquinas, que possamos renunciar à nossa existência de sujeitos, mantendo-nos permanentemente submetidos aos enunciados de Deus, nada dizendo que não seja conforme esses

enunciados. Isto é, a religião, por este amor que deve ser correspondido, pede que o sujeito viva como se estivesse morto, já que não pode fazer, dizer, desejar nada que não esteja conforme a vontade de Deus. Isso significa oferecer sua vida. O amor de Deus indica sua falta, e o que amamos é justamente a falta no Outro. Vemos de que modo aí se organiza uma reciprocidade, um amor recíproco, que leva a uma troca na qual se esvai todo limite. O que é próprio do amor é a busca da fusão; esperamos que haja uma reciprocidade perfeita. O autor refere que com Deus este tipo de amor pode abolir a diferença entre sagrado e profano.

Entre homem e mulher, quando há um verdadeiro amor, pode ser abolida a diferença dos sexos. Se amo no outro o que ele não tem, sua falta, também há no amor uma dimensão castradora; mas quando há muito amor, não pode haver realização sexual: “[...] talvez, para a realização sexual, seja preciso um pouco de ódio” (Melman, 2004, p. 52). O amor exerce sua força, o amor faz obedecer. Assim, percebemos de que modo opera o que Lacan chamou de forclusão da castração. Nesta troca transitiva, fundada na falta recíproca, em que buscam a fusão, não há mais nenhum limite, nenhuma separação, eu sou você, você sou eu. É assim que o “ao menos um” que sustenta a representação paterna pode ser substituído pelo outro, semelhante. Uma vez forcluído o UM da alteridade, da exceção, ver-se-á fazer irrupção o um da autoridade, do supereu, sob forma de comandos, ordens, injunções. A voz que comanda será a forma de retorno no Real do UM forcluído.

É importante lembrar que o primeiro instrumento de comando e de sedução é a voz, é o que gostaríamos de capturar do Outro e nos escapa sempre. O retorno da voz sob forma de comando constitui um gozo, que é o mais insuportável, mais extremo. Pode ser por isso que, nos momentos mais radicais de uma neurose obsessiva, o analisante cale, entregue-se emudecido ao cumprimento de mandatos, ou se expresse segundo modalidades mais impessoais de uso da linguagem.

Essa pode ser uma das formas de efetivação do “querer passar para o lado feminino”, quando o obsessivo se vê dividido entre os mandatos discordantes do supereu, cuja função pode ser o apagamento de todo sinal de virilidade. Se ele se faz tão obediente pode ser para mostrar que possuir o órgão não faz qualquer diferença, que

pode haver um conjunto, o qual se esforça para compor com o Outro, no qual ter ou não ter não tem uma importância definidora. É como se abrindo mão de sua virilidade, fazendo-se feminino, pudesse compor com o pai – por cujo desejo vem se inscrever a diferença – uma relação sem alteridade, recusando a dimensão sexual de sua existência, já recusada na do pai, ou sublimando-a nos laços de amizade.

É neste ponto que Melman faz uma diferença quanto à forclusão do Nome-do-Pai e a da castração. Elas não são a mesma coisa. A forclusão do Nome-do-Pai está na gênese da psicose e impede o acesso à condição de sujeito. A forclusão da castração mantém o Nome-do-Pai, mas o priva de sua referência sexual. São forcluídos os significantes que nomeiam os atributos sexuais do pai e que permitiriam a identificação, a organização de um novo significado quanto ao sexo. Ela substitui a significação desse Nome como referente da sexualidade pelo amor. Isso impede que se estabeleça um sentido sexual para o desejo do Outro e favorece que se opere uma tentativa de reparação. O que é peculiar da neurose obsessiva.

Quanto à direção do tratamento

Na direção do tratamento, portanto, o analista terá de “se desdobrar” para fazer o discurso ser perpassado pelos significantes que inscrevam entre os referentes do analisante algo da parcialidade e da diferença sexual. Seu esforço, em geral, é o de situar-se na transferência em posição tal que o laço não se reduza nem ao enlace amoroso – que responde ao ideal de totalização, passível de recair na construção de uma parceria minada pelas boas intenções –, nem recaia na dimensão de uma relação sádica, aquém da organização fálica do desejo, pautada pela tirania dos ideais narcísicos. Cabe ao analista recortar na fala e na transferência momentos, modulações, formulações que permitam a inscrição dos significantes que de alguma forma possam dizer da inserção do analisante na diferença sexual, a partir da acolhida dos significantes que inscrevam o pai como sexuado.

Parece-me que terá de haver um especial cuidado no movimento de recusa dessas inscrições, seu apagamento pela via da moralidade ou da racionalidade, para que a operação não se esvaia na retirada que a moralidade produz ao recobrir com a culpa o julgamento auto-

acusatório, o que se evidenciou como irrecusável. Nestas ocasiões em que algo novo surge e se inscreve, observa-se que o analista se vê compelido ao cuidado para que sua palavra não recue também frente ao que pode ser tomado como violência em seu recorte, tendo de buscar formas para sustentar a operação além do ponto de mal-estar que ela pode trazer. É necessário que o inscrito se sustente e confirme nas conexões seguintes, sem que a própria transferência se constitua, no entanto, segundo um ideal de progressão que seria livre dos movimentos de interrupção, ideal que realizaria a negação do próprio inconsciente.

As palavras que inscrevem e recusam a referência sexual se apresentam num certo jogo que permite ao analista relançar a escuta em torno do que ele ainda não sabe sobre o fantasma que seu analisante está construindo, aí podendo amparar o desejo do analista e manter os ganhos da análise em questão, na medida mesma em que sustenta o trabalho segundo a lógica inconsciente, no avesso à lógica da racionalidade que o nega.

A título de encerramento, lembro algo formulado por um analisante, no início de sua análise, quando refere que vem para a análise para se “desnudar totalmente”, para se conhecer. Um tanto surpresa, pergunto como “totalmente”, lembrando na hora o quanto Lacan advertia que a verdade só se diz a meias. Pergunto o que ele associa com se desnudar totalmente. Ele diz que “Só consegue transar com alguém quando ambos estão totalmente nus”, o que nunca consegue realizar com a esposa: nem transar, nem totalmente nus. “Antes disso algo sempre interrompe a transa, e ela escapa”. Pergunto-lhe o que seria, para ele, transar parcialmente nu. Ele responde: “Não tem graça, não consigo, seria estar parcialmente envolvido. Tem que estar totalmente envolvido, senão não dá”. “Tem que”, um imperativo formulado de forma quase impessoal, associado ao “não dá”. Quem não dá? Onde está o sujeito? Assim se revelou de início o que seria desdobrado em sua análise, a proposta de realizar na vida sexual uma entrega sem limites ao Outro, que punha a esposa a correr, e ele a “correr atrás dela”, segundo suas palavras. Ela vestida, ele nu. “Quando isso vai parar?”, revelando as impossibilidades de tal propósito produzir algum encontro, por equívoco que fosse.

Referências

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. In: _____. *Edição standard das obras completas de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LACAN, Jacques. *O seminário*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999. Livro V: As formações do inconsciente.

MELMAN, Charles. *A neurose obsessiva*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2004.